

LUTO MATERNO PERINATAL: UM ESTUDO A PARTIR DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

LEMES, Poliane Rogeria de Amorim¹

OLIVEIRA, Ewellen Gusmão Favaretto¹

SANTOS, Sonia Patricia Almeida¹

SILVA, Thamiris Aparecida Rodrigues¹

FITARONI, Juliana²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo possibilitar a compreensão mediante o enfoque humanista, mais especificamente, a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida por Carl Rogers a partir de 1940, como tem sido significado o luto infantil pela mãe. Como processo de construção do tema Luto Materno foi utilizada a pesquisa bibliográfica, sendo possível por meio desta busca destacar que os estudos acerca do tema luto materno baseados na perspectiva da Psicologia, têm como embasamento as teorias Humanista, Existencial Fenomenológica e Psicanálise, e abordam a necessidade de evidenciar que a plenitude da atenção à saúde está distante das práticas assistenciais vivenciadas pelas mães enlutadas, demonstrando assim a importância da busca de novos dispositivos que possam suprir as dificuldades primordiais à realidade, com planejamento, organização e avaliação dos serviços de saúde. Ao buscarmos tal compreensão para esse fenômeno, escolhemos a abordagem humanista, que consiste exatamente em uma perspectiva de vida, de modo geral positiva, tendo um respeito e consideração pela pessoa, ao acreditar no potencial humano e na capacidade que ele tem de se desenvolver. A ACP por meio das atitudes facilitadoras em uma relação terapêutica concebe condições favoráveis para o início do processo de elaboração de perdas, ao proporcionar um espaço sem julgamento, em uma relação verdadeira, com enfoque na singularidade das pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Luto; Luto Perinatal; Maternidade; Abordagem Centrada na Pessoa; Psicologia.

¹ Graduandas do Curso de Psicologia do UNIVAG.

² Professora Mestra e orientadora do curso de Psicologia do UNIVAG.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema o luto materno perinatal, cujo seu desenvolvimento será realizado a partir do enfoque humanista, mais especificamente da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) desenvolvida por Carl Rogers, como objetivo, busca-se compreender mediante a visão de homem e de mundo da ACP, como tem sido significado o luto infantil pela mãe, buscamos evidenciar a contribuição do psicólogo nesse processo de luto, mais especificamente o terapeuta centrado no cliente o qual em sua pratica demonstra um olhar sensível e humanizado para com o outro, viabilizando assim a expressão do enlutado contribuindo no processo terapêutico para uma possível elaboração do luto perinatal, caracterizado por um rompimento de um vínculo afetivo.

Sendo organizado da seguinte maneira: fundamentação teórica da abordagem centrada na pessoa; construção do objeto em que foram levantados estudos acerca do luto; metodologia como pressupostos da pesquisa qualitativa em que são apresentados os critérios de busca e seleção de materiais; os resultados a partir dos quais são descritos os conteúdos presentes nas produções acadêmicas sobre o tema, a discussão na qual se apresenta a articulação teórica dos dados da pesquisa a partir da ACP e as considerações finais a partir da qual este estudo procura contribuir para a compreensão do luto materno e sua elaboração frente a perda.

O Brasil obteve, segundo um relatório da Unicef (2016), diminuição na taxa de mortalidade infantil. “Em 1990, a taxa de crianças que morriam com menos de cinco anos era de 62 a cada 1 mil nascimentos. Em 2012, para cada 1 mil, morreram 14, representando uma redução de 77%” (p.1). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016) com pesquisas feitas pelo instituto do registro civil no ano de 2015, informam que os óbitos de crianças com até um ano de idade passaram de 4% do total de morte registradas em 2005 para 2,5% em 2015. Dentre os agentes mostrados como crucial para essa redução estão o foco na atenção primária de saúde, o avanço no atendimento materno e ao recém-nascido, a não interrupção do aleitamento materno, ampliação da imunização e a realização de incentivos de proteção, citando o programa de transferência de renda.

Muza et al. (2011) afirmam que a morte de um filho é muito dolorosa para os pais, por mais que ambos experienciem a mesma eventualidade, a expressão do luto é vivenciada de formas diferentes para cada pessoa, segundo os autores para a mãe, a gestação representa um período em que ocorrem diversas modificações no ciclo vital da mulher, sendo um momento de construção da identidade materna gestacional que decorre de outras modificações que se

apresentam como físicas e psicológicas. Para tal adaptação inicia-se uma preparação para a maternidade, cria-se toda uma expectativa em relação ao nascimento do bebê, portanto, a morte do filho para a mulher é arrasadora, frustrante, relacionando-se com sentimento de fracasso e de difícil adaptação.

Existem mulheres que ao descobrirem que estão grávidas fazem todo um planejamento para o filho, pois de acordo com o ciclo de vida nascemos, desenvolvemos e ao envelhecermos é que morremos, então é esperado que primeiramente os pais morram e nunca os filhos, em correlação a esse aspecto existem muitos mitos, dúvidas, crenças e expectativas que podem estar diretamente correlacionadas ao contexto social, familiar e cultural (MORELLI et al., 2014).

O luto é o sentimento de dor e pesar pelo falecimento de alguém, tristeza profunda, consternação familiar. Em inglês, *mourning* é definido como o processo psicológico que mobiliza esforços para lidar com o pesar que a perda do objeto amado gerou, e para reorganizar o mundo interno e externo agora sem a presença física deste (FERREIRA, 1998).

A complexidade de elaboração do luto sequente do óbito fetal ou de recém-nascido, citado de forma genérica por Laconelli (2007 apud MUZA, 2013) de luto perinatal, termo que é experienciado pela coletividade como algo que deve ser ignorado. A sociedade opta pela rejeição e justificação, na tentativa de evitar o sofrimento. Sendo assim, as ações das pessoas em face da notícia da perda de um bebê são identificadas e interpretadas pelos pais, como desconcertantes. Por meio das pesquisas sobre o tema luto perinatal os autores constataram uma falta teórica e metodológica na literatura científica (MUZA et al., 2013).

Gesteira et al. (2006), citados por Muza (2011), conceituam o luto como uma resposta comum e esperada quando uma ligação é quebrada, sendo sua função fornecer a restauração de recursos e possibilitar um processo de adequação as mudanças ocorridas por causa da perda. Segundo Cart e Mc Goldrick (2001), citado por Muza (2011), cada modificação da etapa do ciclo de vida de uma família gera uma necessidade de adaptação e transformação nas vinculações entre os seus membros, assim, segundo os autores, nessa passagem entre as etapas a família pode também experimentar luto por perda importante, não natural, que aparece imprevistamente, como o luto de um bebê.

No tocante a esse assunto, é possível destacar conforme Muza (2011), que:

“A morte de um filho antes do nascimento ou logo após este rompe com a ordem natural da vida. Como também, interrompe com os sonhos, as esperanças, as expectativas e as esperas existenciais que normalmente são depositadas na criança que está por vir” (p. 3).

Este trabalho se faz importante, pois o foco social em torno do óbito infantil é primordialmente voltado para os índices de mortalidade infantil, não tendo um acolhimento voltado para mãe enlutada e sua família. Este estudo busca ampliar a visão relacionada ao luto infantil vivenciado pela mãe, das possibilidades de uma atenção psicológica voltada para as mães enlutadas em seu processo adaptativo relacionado à perda, tendo em vista que uma perda dessa natureza causa abundante sofrimento emocional, esse estado requer grande atenção nos cuidados psicológicos. Para a elaboração deste trabalho utilizaremos como método a pesquisa qualitativa bibliográfica de livros e artigos que se relacionam com o tema, e discutiremos com o enfoque na abordagem humanista.

2 ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Segundo Wood (1997), a Abordagem Centrada na Pessoa constitui na facilitação do crescimento pessoal e na saúde psicológica de indivíduos numa psicoterapia de pessoa a pessoa. É definida como uma abordagem, sendo um jeito de ser, cujas pessoas possuem uma tendência direcional, descrita por Rogers em 1980:

Os indivíduos têm dentro de si mesmos amplos recursos para a auto compreensão para alterarem seu autoconceito, sua atitude básica e seu comportamento auto dirigido; esses recursos podem ser mobilizados se lhes for proporcionando um clima definido de atitudes psicológicas facilitadores (ROGERS, 1980, p. 3 apud WOOD, 1997, p.3)

Consistindo em uma perspectiva de vida, de modo geral positivo, sendo uma intenção de ser eficaz nos próprios objetivos, tendo um respeito pelo indivíduo e por sua autonomia e dignidade. Há, nesse entender, uma flexibilidade de pensamento e ação, não sendo vedado por teoria ou práticas anteriores, possibilitando uma tolerância quanto às incertezas, conforme relatado por (WOOD, 1997).

A ACP se aplica à psicoterapia acreditando no potencial das relações humanas, quando compreensivas e abertas para se desenvolver em direções construtivas para a humanidade. Traduz-se na prática, por um respeito e apreço pela pessoa, por acreditar em uma comunicação profunda, compreensiva e também em uma relação que seja aberta, real e não baseada em papéis predefinidos (ROGERS, 1983).

3 PERÍODO GESTACIONAL E LUTO

Durante o período gestacional ocorrem diversos atravessamentos no ciclo vital da mulher, mudanças corporais, hormonais e psicológicas, esse momento é compreendido como

conflituoso e de incertezas, pelo motivo decorrente à novas experiências na vida da gestante. Ao estar grávida, além das alterações que lhe apresentam, em muitas mulheres geram expectativas de ter o bebê nos braços e viver no mundo da criança (VALENTE E LOPES, 2008). Partindo dessa lógica, de que uma parcela de mulheres convive com todas essas mudanças e expectativas em relação ao filho que está sendo gerado por ela, é por tal fato que salientamos a tão dolorosa perda de um filho.

A morte infantil é outra perda real, na qual a mãe tem de se desligar do seu filho como objeto de amor, com o qual se ligou afetivamente de modo tão próximo e vivo, tornando-se um com ele. Esta morte, assim como a morte fetal, é entendida como um descompasso na sequência natural do ciclo da vida, pelo qual nos orientamos e nos conscientizamos de que pais morrem antes dos filhos (VALENTE e LOPES, 2008, p.05).

Diante da morte de uma pessoa amada é comum ficarmos abatidos e sepultarmos junto a este ente querido nossas esperanças e aspirações, o nosso sentimento é de que iremos morrer juntamente com a pessoa e renunciamos toda tentativa de substituição da pessoa perdida. (FREITAS, 2000).

“Há, portanto, para a maioria dos pais um choque, uma descrença e um período inicial de intensos distúrbios emocionais[...]seguido de um período de adaptação gradual em que se verifica diminuição da reação emocional” (FERREIRA et al., 1990, p. 400).

Entendemos mediante a leitura sobre a perda que não estamos preparados para morrer, nem tão pouco para a perda de uma pessoa querida, o sofrimento oriundo do falecimento é vivenciado de maneiras diferentes por cada pessoa, quanto mais próximos for o convívio é natural que o sofrimento seja vivenciado mais intensamente.

O medo da morte é básico e está presente em todos. Nas sensações de insegurança, diante do perigo, nos sentimentos de desencorajamento e de depressão sempre está implícito o medo básico da morte, um medo que sofre as mais complexas elaborações e manifesta-se de muitas formas indiretas (FREITAS, 2000, p.21).

Segundo Freitas (2013), o luto pode ser entendido pela compreensão psicológica particular do indivíduo e suas capacidades nesse processo, assim como uma ação ante às perdas significativas, visto como uma vivência que se mostram com forte exigência de resignificação do mundo-da-vida, na qual o que é perdido pelo enlutado não é apenas um ente querido, mas também formas próprias de se ver perante o mundo.

Freitas (2013, p.98) ainda salienta que:

O luto vivido em decorrência da morte de um ente querido não é somente uma experiência dura e profunda de perda, mas também a evocação de nossa condição mortal, assim como da inevitabilidade e irreversibilidade da morte. Seus aspectos ontológicos podem tornar seu enfrentamento mais árduo, além de se apresentarem

como situações potencialmente reveladoras de conflitos anteriormente já vividos na história do enlutado que encontram no processo de luto espaço para (re) significação.

Enlutar-se é um meio de transformação, de representação que todos em algum momento irão experimentar. Um evento estressor, como o luto, implica em uma perda: o temor e a dor fazem com que a pessoa se sinta desprotegida. O medo, o desamparo, a culpabilização e outros sentimentos podem suceder como sofrimento instável, após a perda, no decorrer do luto (FREITAS, 2000).

É perceptível o quanto a sociedade evita o sofrimento e busca amenizar a dor psíquica, a negação do luto ocorre por meio de práticas sociais tais como: a imposição da volta ao trabalho após sete dias, como se houvesse um período pré-determinado para a passagem desse processo doloroso, ou ainda nas colocações de que a pessoa está jovem e poderá ter outros filhos. Em nossa sociedade tais práticas apontam para o esvaziamento de reflexões sobre o morrer, sobre a aceitação do fim do outro e de si mesmo (FREITAS, 2013).

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa apresenta o perfil qualitativo, sendo realizada a partir de levantamento bibliográfico, descritivo e exploratório. No decorrer do desenvolvimento do trabalho serão destacadas produções que sinalizam para o luto materno lido no contexto da psicologia, a partir da abordagem Humanista. As bases de dados utilizadas foram *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico, o levantamento bibliográfico ocorreu nos meses de outubro e novembro de 2017.

Autores do campo metodológico discorrem que:

A pesquisa exploratória tem por objetivo ampliar o conhecimento referente a um determinado fato, explorando a realidade em busca de aumentar o conhecimento e assim proceder em um planejamento de uma pesquisa descritiva (ZANELLA, 2006 apud GIL, 2007).

As palavras utilizadas como descritores para o processo de levantamento bibliográfico foram: Luto; Luto Perinatal; Morte; Maternidade; Psicologia. Os critérios para inclusão dos artigos neste estudo foram: ser artigo científico, ou seja, estar indexado em uma plataforma acadêmica; conter os assuntos das palavras-chaves pesquisadas; ser escrito em português e estar disponível *online* em suas respectivas revistas como trabalho completo. Além disso, outros critérios foram estabelecidos sendo eles: estudos baseados na perspectiva da psicologia, produzidos entre os anos de 1990 a 2017. Os critérios de exclusão dos artigos foram: produções

que não estavam relacionadas aos critérios de inclusão, bem como os que não correspondiam à perspectiva da psicologia e da temática pesquisada.

Posteriormente ao recolhimento dos artigos, foi realizada a leitura dos resumos e selecionados aqueles relacionados com os critérios de inclusão que surgiram no decorrer da busca do banco de dados, com o tema luto materno e psicologia. Encontramos nas bases de dados pesquisadas no Google Acadêmico o total de 15.000 artigos relacionados ao tema luto materno, desse total de artigos disponíveis foram utilizados apenas 15, por conter os requisitos mínimos que abordassem o tema de luto materno, dentre outras palavras chaves correlacionadas com o tema, tal recorte se mostra importante, uma vez que revela a escassez de estudos no campo da psicologia, embora haja inúmeras produções em outras áreas da saúde.

Da base de dados do portal da SciELO foram encontrados 06 artigos, dos quais apenas um tratava da relação entre o luto e o olhar da psicologia sobre a temática. Após a utilização dos critérios mencionados, para a composição da amostra, 16 artigos foram utilizados na produção deste estudo.

5 RESULTADOS

Para esta apresentação, é importante destacar que nos 16 estudos analisados acerca do tema luto materno se apresentaram diferentes perspectivas da Psicologia, embasados nas teorias Existencial Fenomenológica (FREITAS et al., 2014; FREITAS, 2013; AZEVEDO; PEREIRA, 2014), Psicanálise (LACONELLI, 2007; VALENTE E LOPES, 2008) e Teoria Cognitiva comportamental (TAVARES, 2013; HAYASIDA, 2014) outros autores abordam a necessidade de evidenciar que a integralidade da atenção à saúde estão distantes das práticas assistenciais vivenciadas pelas mães enlutadas, como Vasconcelos et al. (2014), que demonstram ser indispensável a busca de novos artifícios que supram as dificuldades essenciais à realidade, com planejamento, organização e avaliação dos serviços de saúde.

Para Azevedo et al. (2014), é possível situar o homem em seu contexto existencial, delineando como a morte é estudada e vivida pelo ser humano, referenciando que na idade média a morte era encarada e vivenciada como um evento banal de ordem natural da existência humana, [...] “o homem era informado sobre a proximidade da chegada da morte. O aviso era dado por signos naturais e por uma convicção interna, tendo um significado qualquer de premonição sobrenatural ou mágica.” (p.56). Na Roma antiga é notado diferenças de posturas perante a morte, cuidados nas individualizações das sepulturas, onde o local era distinguido por inscrições demonstrando a ansiedade de poupar a autenticidade e a memória do desaparecido e

eternizá-lo, Ariès, 1977, citado por Azevedo et al. (2014). Nas sociedades ocidentais no início do século XVIII, é dedicado a atenção para a morte do outro, de maneira dramática, vangloriando-a e querendo-a para si (KOVÁCS, 1992 apud AZEVEDO, et al 2014).

Final do século XIX e início do século XX ocorre uma modificação expressiva do comportamento frente à morte, consolida-se a proibição do experimentar a morte com o intuito de conservar a ventura, recusar a manifestação de pesar. Atualmente pensar sobre o luto é pensar na morte, é pensar na perda. Nesse período, a morte de um ente querido como a maior razão geradora de sofrimento do homem. Confirma-se a necessidade do processo de elaboração do luto, pois revela ser uma via de entendimento e de compreensão sobre a dor e o sofrimento humano, sua experiência emocional e a reconfiguração existencial vivenciada com a perda. (AZEVEDO et al, 2014)

A partir da análise existencial do ser humano, que concede o *Dasein*³ como o próprio homem lançado no mundo construindo sua história, consciente de sua finitude, possível identificar contribuições para os estudos no enfoque psicológico. Sendo considerado o *Dasein* o próprio homem, haverá nele sempre uma abertura para sua construção, assim a aflição do ser humano é vista como um componente propulsor para vivenciar a morte e o sofrimento da perda como um acontecimento existencial, ou seja, a morte como pertencente ao existir humano (AZEVEDO et al., 2014).

De acordo com Freitas et al. (2014), a reflexão sobre a vivência do luto materno a partir da perspectiva fenomenológico-existencial se mostra uma via importante para a compreensão desse fenômeno. Entende-se que, embora o luto se modifique aos longos dos anos, jamais se supera a perda de um ente querido, partindo para uma compreensão de um estado não mais doentio, e sim como aspectos a serem compreendidos. A partir dessa análise, confirma-se a importância de que cada perda seja analisada em seu aspecto singular, levando em consideração a subjetividade humana, partindo da visão de que cada experiência é única. O intuito dessa proximidade seria a de contribuir para a melhoria da rede de serviço ao luto, ampliando a percepção e os modos de acolhimento da dor e das experiências de mães enlutadas.

Enquanto perspectiva recorrente a embasar os estudos sobre o enlutamento materno é possível salientar a presença da Psicanálise, Laconelli (2007) procurou analisar as dificuldades de elaboração do luto perinatal considerando por meio de olhares clínicos que este luto de

³ Para Heidegger, o ser humano está sempre fazendo a sua história acontecer. Nessa condição do ser humano, Heidegger cria o conceito de *Dasein* em que possui condição ontológica de ser um ser-no-mundo, sendo o homem esse ente cujo ser está sempre acontecendo, manifestando-se a cada instante no existir temporal. Sendo assim, o *Dasein* é o modo de ser do homem, sendo a nossa existência, uma existência que é pontuada pela condição de que o ser-aí é histórico e situado (AZEVEDO et al., 2014, p. 63).

maneira singular causa efeitos nocivos no psiquismo da mulher, bem como o entendimento do luto como algo incomum que o torna complexo e desconhecível pelo entorno. Para estes pais, a notícia de morte perinatal é interpretada como impactante, podendo acarretar neles o processo de negação do sofrimento, dificultando a elaboração do luto, ressaltando que no luto perinatal o anseio dos pais de fazerem procedimentos ritualísticos que constitui uma parcela das demais perdas por morte, nem sempre é escutada e se isso ocorre não deixa de causar um notório constrangimento. Segundo a autora, o impacto dessa perda é entendido como algo da ordem de uma experiência cuja proporção exige um trabalho psíquico intenso não constatando situações de ser aplicada, salientando também a ausência de compreensão da dor da mãe enlutada como um dos aspectos prejudiciais para o seu prosseguimento (LACONELLI, 2007).

No luto perinatal, nem sempre é escutado o desejo dos pais de realizarem procedimentos ritualísticos que fazem parte das demais perdas por morte e, quando são realizados, não deixam de criar certo constrangimento. Estas diferenças no tratamento destes casos revelam uma impossibilidade de atribuir à morte de um bebê (pré ou pós-termo) o status de morte de filho. Não nos cabe avaliar os procedimentos recomendáveis em cada ocasião, mas sim ressaltar que o que convém ao entorno e o que é desejável pelos pais nem sempre coincide e que só uma escuta sensível poderá revelar estas diferenças (LACONELLI, 2007, p.616).

O trabalho de Souza et al. (2007) considerou que o choque psicológico da perda de um filho em muitos casos provoca reações de indignação ou desordenamento. “Dentre eles destacam-se: a negação da morte da criança, impossibilidade de visualização da criança morta ou ‘distorção’ do que estão vendo diante de seus olhos [...]”.(p 158). Os autores citam como referencial, o serviço de psicologia com acolhimento e escuta, o que propicia uma maior consideração dos aspectos psicoemocionais causados pelo luto dos familiares e da equipe hospitalar.

No estudo de Lopes et al. (2017), os autores buscaram compreender como mães vivenciaram a experiência de luto de seus bebês, trabalho realizado com um grupo de mães que vivenciaram a perda de uma criança com menos de um ano de vida. Os resultados indicaram a complexidade e as dificuldades do processo de elaboração do luto, implicando um luto que permanecia por tempo prolongado, mas que poderia ser elaborado através da espiritualidade e do apoio familiar. “Cada vez mais aliada com a área da saúde a espiritualidade traz conforto nos momentos diversos da vida, além de ser considerada como fator preventivo ao desenvolvimento de doenças.” (p. 311) Em relação ao apoio familiar, os mesmos buscam confortar as mães por meio de suas crenças, sugerindo a hipótese de ter outros filhos, interessando com a saúde mental bem como instruindo a não alongar o pesar.

A grande dor que uma mãe sofre ao perder um filho também deve ser destacada, especialmente em nosso contexto social de sobrevalorização do papel da mãe associado à discrição na expressão das emoções (FREITAS et al., 2014).

Dentre as expectativas quanto ao papel social esperado da mulher, como ter de ser a provedora, uma mãe perfeita, existem uma construção social referente a essas características de que a vocação materna é instintiva e natural. Nos estudos dos antropólogos e sociólogos entendem-se que a maternidade é advinda de uma construção social, quando se decide criar e ser responsável pelos filhos (AZEVEDO e ARRAIS, 2006). As autoras em seus estudos apontam que a identidade materna, não é instintiva, e que as mulheres não nascem preparadas para a maternidade, por isso partem da ideia de que as expectativas maternas nascem de uma construção social.

Rebello (2012) em seus estudos acompanhou um grupo de entreadjudada⁴ aos pais em processo de luto, pretendeu sensibilizar todos os participantes sobre o meio de suporte social na evolução individual do processo de luto. Evidenciou que os pais que recorreram à medicação antidepressiva, desde o início ou no processo do luto, apresentaram traços comuns de conflito no desenvolvimento do luto saudável com tendência para o luto não resolvido. Ressaltando a importância do apoio social, pois entende-se que o luto é um processo psicossocial, tornando indispensável o apoio psicoterapêutico no sentido de organizar as emoções desenvolvidas.

Sobre a formulação de significados vivenciados no processamento do luto, Pandolfi (2012) considerou que a vivência da perda de uma pessoa querida como um filho e/ou uma filha, por mais dolorosa que possa ser é uma experiência transformadora que pode trazer crescimento e modificação positiva para o enlutado e sua ligação com o mundo. Em relação ao significado de morte, há uma compreensão da situação e uma aceitação de que nada poderia fazer para impedir tamanha perda.

Sobre a morte perinatal na maternidade evidencia-se a desconsideração que se tem a população que experiência o luto materno, considerando ainda que as equipes médicas somente enxergam a perda de uma vida como um insucesso da medicina e não estão preparados para lidar com o sofrimento familiar, demonstrando o desamparo social a essas famílias nos âmbitos hospitalares (MUZA et al., 2011).

O apoio social mostra-se fundamental desde toda etapa da vida humana, essencialmente em períodos de modificações, transições, especialmente em momentos difíceis. Esse apoio pode

⁴ A entreadjudada, ou autoajuda, é um meio de intervenção comunitária que visa o apoio a problemas individuais muitas das vezes com repercussões sociais (REBELO, 2012, p.373).

influenciar direta e indiretamente, de forma que leva o indivíduo a pensar como as pessoas irão reagir se ele precisar de apoio, destacando-se o apoio familiar, institucional, dos que o cercam. Esse apoio pode ser subentendido como suprimento do meio social, uma espécie de troca entre as pessoas e o universo social, incluindo a proteção, a assistência, informações, meios para se estabelecer vínculos envolvem todos os recursos que lhe são ofertados, para que a pessoa se sinta protegida frente aos eventos de risco (RAPOPORT et al., 2006).

Discutindo o papel do psicólogo, destacamos Muza et al. (2011) que, compreenderam a importância da psicologia nesse processo, sendo o profissional mais recomendado para enxergar as ações do enlutado, de modo a realizar um profundo trabalho psíquico. Ainda destacaram o significado da perda de um filho para as famílias enlutadas, que é um tanto desconcertante, evidenciando sobretudo ainda que, as famílias não recebem o apoio social devido. Sugerem então o reconhecimento do sofrimento das famílias e a certificação do profissional da psicologia nas instituições hospitalares, possibilitando um lugar de escuta, um olhar mais humanizado. Evidenciaram a psicologia hospitalar ressaltando a importância da sensibilização desses profissionais, do apoio psicológico as famílias enlutadas nos espaços da maternidade, no sentido de promover alívio e prevenir impactos e reparações futuras.

Para Hayasida (2014), existe um déficit no que se refere a formação educacional dos profissionais que trabalham com morte e luto, sendo perceptível a urgência de realização de programas dirigidos à educação para morte na formação acadêmica dos profissionais, bem como na população de modo geral, propõe protocolos norteados à terapêutica cognitiva comportamental levando em consideração as singularidades existentes, pessoas que padecem com a perda bem como suas crenças funcionais e disfuncionais sobre a morte.

A repercussão do luto na saúde evidencia que a plenitude da atenção está distante das práticas assistenciais vivenciadas pela realidade social. Revelando ser inevitável a busca de novos artifícios que supram as dificuldades essenciais à nossa realidade, com planejamento, sistematização e ponderação dos serviços de saúde, apesar de se ter uma mudança expressiva com a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) por oferecer uma ferramenta norteadora da qual se executa e garante adequada atenção à saúde, no que se diz respeito à qualidade e o cuidado a família assim como a integralidade referente a vida (VASCONCELOS et al., 2014).

Os autores citados contribuem com a concepção de cada um, havendo um mesmo sentido, trazendo à realidade a negligência e a desconsideração que se tem a população que experienciam o luto materno. Ao evidenciar o desamparo social as famílias nos espaços hospitalares, destacam-se Muza et al. (2011; 2013) pois observou-se em seus estudos a

importância da sensibilização para com os profissionais da saúde, de um olhar mais humanizado na medida em que os profissionais pudessem ofertar o espaço para a fala dos pais, sobre a perda do filho e de serem acolhidos em sua dor.

6 DISCUSSÃO

Os resultados obtidos na pesquisa permitiram evidenciar a importância do vínculo das relações sociais, do apoio social, do apoio familiar e psicológico, assim como também a necessidade de um olhar mais humanizado para com as mães enlutadas.

Rogers (1992) destaca que ao longo do desenvolvimento humano e ao entrar em contato com outros e o ambiente, construímos conceitos sobre nós mesmos, o ambiente e nós mesmo em relação ao ambiente. As vivências sociais, as avaliações sociais feitas pelos outros formam uma parte do nosso campo fenomenológico em conjunto com experiência envolvendo os outros, compondo assim a estrutura do *self*, do eu. Para o autor:

A estrutura do *self* é uma configuração organizada de percepção do self admissíveis a consciência. É composta de elementos como as percepções das próprias características e habilidades; os objetos da percepção e os conceitos do *self* em relação aos outros e ao ambiente; as qualidades de valor percebidas como associadas a experiências e objetos; e as metas e ideias percebidos como tendo valor positivo ou negativo (ROGERS, 1992, p.570).

Freitas et al. (2014), a partir da perspectiva fenomenológica-existencial, articulam sobre a vivência do luto materno. Para os autores, a subjetividade humana deve ser levada em consideração o que propiciará uma melhoria na rede de serviço ao luto.

Falando sobre subjetividade, Rogers e Kinget, (1977) enfatizam que todo indivíduo possui capacidade latente ou manifesta de compreender a si mesmo e solucionar seus problemas de maneira satisfatória, buscando obter a satisfação e eficácia essencial ao funcionamento adequado. Sobre essa capacidade e/ou tendência do indivíduo na busca do funcionamento adequado, os autores a nomeiam como tendência à atualização do organismo, o qual “visa constantemente desenvolver as potencialidades do indivíduo para assegurar sua conservação e seu enriquecimento, levando-se em conta as possibilidades e os limites do meio” (p. 41).

Rogers (1992) afirma que o ser humano vive num mundo de experiência em progressiva mutação, onde ele é o centro, ou seja, o mundo pessoal do indivíduo só pode ser conhecido pelo próprio indivíduo de maneira completa e autêntica, pois ele próprio é o único capaz de compreender como a experiência foi percebida.

Para Azevedo et al. (2014), nos dias atuais pensar sobre luto é pensar na morte, na perda. Para os autores a morte de uma pessoa querida é vista como a maior razão geradora de

sofrimento do indivíduo. Falando sobre a morte, Rogers (1980) diz acreditar que ninguém saberá se tem receio a morte antes que ela aconteça, considerando a morte como sendo uma abertura para a experiência: “Ela será o que tiver que ser, e estou certo de que a aceitarei, quer ela seja um fim, quer uma continuação da vida” (p. 38). Assim como para Parkes (1998), que salienta que a perda é de grande impacto para a pessoa enlutada, pois o vínculo é rompido pela morte, sendo um tanto complexo para elaboração da perda, pelo fato de ter estabelecido uma maior vinculação com o ente querido, concebendo com que o processo de luto seja mais difícil de ser enfrentado.

Segundo Hayasida (2014), existe um déficit no que se refere à formação educacional dos profissionais que trabalham com morte e luto, sendo perceptível a urgência de realização de programas dirigidos à educação para morte na formação acadêmica dos profissionais, bem como na população de modo geral, levando em consideração as singularidades existentes. Quando referimos aos profissionais que trabalham com morte e luto, podemos considerar que os psicólogos humanistas podem trazer uma importante contribuição para tal processo, pois sua prática baseada nos recursos da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) é o de proporcionar por meio de um clima facilitador o desenvolvimento da pessoa, pautado nas atitudes psicológicas facilitadoras (ROGERS e KINGET, 1977).

As atitudes facilitadoras são três: a congruência, a consideração positiva incondicional e a compreensão empática. A congruência corresponde a autenticidade do terapeuta no seu modo de agir, sentir, pensar, sendo ele verdadeiro nessa relação. Na consideração positiva incondicional, o terapeuta deve considerar o indivíduo como alguém de valor incondicional, com potencial de desenvolvimento, apreciando-o como uma pessoa individualizada a quem se permite ter os seus próprios sentimentos, suas próprias experiências. Enquanto que na compreensão empática, a participação do terapeuta torna-se ativa, com esse recurso ele conseguirá captar com proximidade os sentimentos e significados da pessoa sendo compreendida, o que lhe permite a comunicação dessa compreensão ao outro. (ROGERS e KINGET, 1977).

O profissional ao utilizar dessas postura pertinente e de grande valia para uma relação de ajuda, proporcionará as pessoas o acolhimento necessário para dar início ao processo do luto materno, já que nessa perspectiva se dá o enfoque aos sentimentos, a dor, e o sofrimento do cliente, bem como se considera as singularidades dos seres humanos e a natureza humana como algo que flui e tende a se desenvolver positivamente, ao passos de mudanças. O objetivo do cuidado psicológico por meio das atitudes facilitadoras em uma relação é o de promover o funcionamento da tendência à atualização, pois, a partir dessas condições objetiva-se auxiliar

as pessoas a se desenvolverem para poder enfrentar o problema presente e o futuro de uma maneira mais plena (ROGERS e KINGET,1977).

Lopes et al. (2017) em seus estudos evidenciam ainda a visão das mães relacionada à importância da espiritualidade e o amparo dos familiares, destacando também a falta de amparo dos serviços de saúde a essas famílias. Compreendemos então que o amparo aos familiares poderá ser mediado pela relação terapêutica demonstrando assim um tipo de apoio necessário na superação de um vínculo rompido, tal como a perda de um filho. As atitudes facilitadoras auxiliam com que o cliente tenha espaço livres de julgamento, em uma relação genuína, por meio da compreensão empática, sendo assim, por meio da relação estabelecida, o cliente poderá acessar suas potencialidades (ROGERS e KINGET,1977).

Para Freitas, (2013) o luto é uma ação frente a perdas significativas, tendo uma representação para cada indivíduo através da ressignificação do enlutado. De acordo com Bacellar, (2017) sobre a morte surgem várias reflexões podendo trazer questionamentos diante do enlutado, para a autora, a morte é um fenômeno natural da vida e não estamos preparados para perda de um ente querido, salientando também que a morte é um processo natural da vida podendo trazer diversos questionamentos frente ao enlutado, pois criamos concepções que nos impede de ver a morte como uma ação natural da vida, fazendo questionamentos do porquê da grande perda.

As reflexões apresentadas por Morin (1970) e Rogers (1983) desestabilizam as nossas verdades sobre a morte, provocam questionamentos sobre a nossa forma de pensar e convidam nós a relativizar as nossas ideias sobre a relação da vida com a morte. Se nos deixarmos ser tocados por essa invenção de pensamento, teremos uma maior possibilidade de considerarmos a hipótese de que as nossas vivências e deduções sobre a morte não passam de uma construção de conhecimento, decorrente dos recursos da razão (BACELLAR, 2017, p.48).

Lopes et al. (2017) ressaltam que por inúmeras vezes o luto é vivenciado por tempo prolongado, mas, que poderiam ser superado com o auxílio da espiritualidade e com o apoio familiar, sendo assim o Worden, (2013) afirma que é comum a pessoa que está vivenciando o luto, perder o direcionamento da vida, havendo três suposições que o indivíduo poderá perpassar durante o enlutamento, tais como a possibilidade da mãe questionar com Deus o motivo pela morte de seu filho, podendo se culpabilizar por ser um possível castigo referente às suas condutas, ou quando não envolvem crenças e sim uma validação as suas próprias expectativas. Havendo também a possibilidade da ausência de uma resposta clara, sendo esta provavelmente a mais difícil de vivenciar. Evidenciando que com o passar do tempo nossas crenças podem ser modificadas ou reafirmadas mostrando a fragilidade da vida.

As pessoas trabalham contra si mesmas, promovendo a própria impotência ao não desenvolver as habilidades necessárias para o enfrentamento, ou se afastando do mundo e não enfrentando as exigências do ambiente. Porém, a maioria das pessoas não segue esse caminho negativo. Elas geralmente decidem que devem preencher os papéis, nos quais estão desabitadas, desenvolver habilidades que nunca tiveram e seguir em frente com percepção renovada de si mesmas e do mundo (WORDEN, 2013, p. 28).

Rebelo (2012) relata as dificuldades dos pais no desenvolvimento do luto saudável com tendência ao luto não resolvido. Worden, (2013) afirma que a perda de um filho interfere consideravelmente no equilíbrio familiar, pois pais e mães enlutados possuem a necessidade de culpar alguém pela morte de seus filhos, mesmo quando ocorrem de formas naturais, geralmente sucede com um conjugue ou algum membro da família, desequilibrado o sistema familiar. A experiência do luto será de forma singular para cada um dos pais, mesmo que os dois compartilhem o luto a vivência será de formas diferentes, devido ao modo particular de enfrentamento ou relacionamento com a criança.

Ainda nesse sentido, cabe salientar que a experiência dos pais enlutados é crucial na perda de uma criança e de seu impacto na família. Perder uma criança de qualquer idade pode ser uma das perdas mais devastadoras da vida e seu impacto permanece por muitos anos. (WORDEN, 2013, p. 165).

Segundo Combinato et al. (2006), a formação dos profissionais da área da psicologia bem como suas técnicas necessitam ser evidenciadas, essencialmente ao que diz respeito a situações traumáticas como o processo de enlutamento, pois é destacado por Tavares (2013) que não há estudos suficiente referente a este assunto, tornando muito vaga a compreensão sobre os processos de luto.

Podemos então salientar que a Abordagem Centrada na Pessoa, pode contribuir na formação dos profissionais, pois valoriza a singularidade e compreende as pessoas de forma empática. Rogers (1997) acreditava no potencial das relações humanas, que as pessoas necessitam de uma relação na qual são aceitas, que de fato as pessoas precisam ser ouvidas e compreendidas. O papel do psicoterapeuta nesse processo é se dispor de uma boa escuta, acolher o cliente, tentar compreendê-lo, estar disposto na relação, para que ambos se sintam confortáveis, e possam perceber a si mesmo.

[...] os fundamentos desta prática terapêutica, na qual o cliente é, acima de tudo, respeitado como ser humano, e que não vai ser curado de seu mal psíquico, mas sim ajudado a se conhecer, a se ver de uma maneira mais real e não através da máscara que traz e que os outros lhe impõem. Há nesta terapia uma preocupação de dirigir o cliente sem, no entanto, “empurrá-lo”; orientar, sem traçar caminhos a serem seguidos (ROGERS E KINGET, 1977 p.14).

Podemos então pensar que a Abordagem Centrada na Pessoa em sua perspectiva, pode contribuir muito nessa temática, pois ela permite um olhar mais humanizado do outro, oportunizando o espaço para compreensão da subjetividade das relações humanas. De modo a priorizar a relação estabelecida, permitindo a liberdade experiencial do indivíduo, para que ele possa exteriorizar seus sentimentos, na medida que essa relação permitirá ao cliente enxergar a sua realidade, tal como ela é (ROGERS E KINGET, 1977).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que o luto, para a Psicologia, é entendido como uma área de atuação em face das perdas difíceis, como nos casos de mães que perdem seus filhos. O psicólogo se apresenta como o profissional mais recomendado e preparado para viabilizar a expressão do enlutado, contribuindo no processo de elaboração do luto, poderão ser realizados atendimentos psicológicos, acolhimentos de familiares que sofrem com o impacto da perda, na tentativa de compreender o outro diante da sua realidade, ofertar o apoio a mãe, para ela lidar com a dor e o sofrimento vivido perante a perda de um filho.

Com os resultados da pesquisa, podemos então, observar a importância do profissional de psicologia nos espaços hospitalares, de estar presente nesse processo ao oferecer o suporte psicológico às pessoas que necessitam de atenção, de amparo e de apoio psicológico. Pois, entendemos que ao darmos espaço para a família expressar tal experiência, seus membros poderão se sentir mais confortáveis nessa relação, mais aliviados ao saber que podem contar com um profissional dessa natureza, nesse processo de enlutamento que acarreta grande sofrimento vivenciado pela família, em especial a mãe, pois ela gera o filho dentro de si.

É importante destacarmos a importância do psicólogo no âmbito hospitalar, tornando-se cada vez mais indispensável e pertinente o atendimento psicológico, de acordo com o crescimento e as demandas ocorridas nesses espaços, se faz necessário em todo âmbito hospitalar, especialmente na maternidade. O psicólogo nessa perspectiva entende que, seu objetivo não é o de cura, e sim implica em uma escuta minuciosa, em acolhimento focalizando a qualidade de vida, em um cuidado de um olhar clínico, viabilizando a subjetividade do cliente.

O trabalho do psicólogo é compreender o outro em sua totalidade, levando em consideração a experiência singular do indivíduo, considerando que um atendimento mais humanizado irá promover a minimização do sofrimento provocado mediante ao processo do luto. Sendo assim, cabe ao profissional de Psicologia a função de facilitar esse processo,

trabalhando de forma a possibilitar aos clientes o encontrar maneiras de lidar com a realidade, com intuito de amenizar a dor, bem como sendo um agente ativo na promoção da saúde. Ao buscarmos tal compreensão para esse fenômeno, escolhemos a Abordagem Humanista (ACP) de Rogers, que consiste em uma perspectiva de vida, que enfoca as potencialidades das pessoas, tendo um respeito e consideração ao acreditar na capacidade que elas têm de se desenvolver.

Durante a realização desta pesquisa, nos deparamos com a considerável dificuldade em encontrar trabalhos científicos com enfoque humanista, que relatassem as experiências vivenciadas pela mãe e a família enlutada, como também relatos sobre a atuação do psicólogo frente a esta demanda no ambiente hospitalar. A partir das conclusões e limitações apresentadas, observamos que se faz necessário a realização de mais estudos voltados às vivências perpassadas pela mãe durante o sofrimento da perda de um filho, é preciso considerar esta perda não somente em quantidades estatísticas, e sim, considerarmos as questões psicológicas e emocionais experienciadas por elas durante o processo de luto, a fim de demonstrarmos que a relação terapêutica poderá ser um modo de oferecer apoio durante o processo de superação da perda de um filho.

8 REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ana Karina Silva; PEREIRA, Maria Aldeci. O luto na clínica psicológica: um olhar fenomenológico. **Clínica & Cultura**, v. 2, n. 2, p. 54-67, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/view/1546>>. Acesso 21 de Junho de 2017.
- AZEVEDO, Kátia Rosa; ARRAIS, Alessandra da Rocha. The myth of the exclusive mother and its impact on postnatal depression. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006.
- BACELLAR, Anita (Org). **A Psicologia Humanista na Prática: reflexões sobre a abordagem centrada na pessoa**. Volume 3. Palhoça-SC: Ed. Unisul, 2017.
- COMBINATO, Denise Stefanoni; DE SOUZA QUEIROZ, Marcos. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2006000200010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso 30 de Junho de 2017.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- FERREIRA, Lília Maria et al. O Luto por morte perinatal e/ou malformação do bebê. **Análise Psicológica**, v. 8, p. 399-402, 1990. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2908/1/1990_4_399.pdf>. Acesso 17 de Junho de 2017.
- FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 19, n. 1, p. 97-105, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013>. Acesso 21 de Junho de 2017.
- FREITAS, Neli Klix. **Luto materno e psicoterapia breve**. Summus Editorial, 2000.
- HAYASIDA, Nazaré Maria de Albuquerque et al. Morte e luto: competências dos profissionais. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 10, n. 2, p. 112-121, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso 12 de Junho de 2017.
- LACONELLI, Vera. Luto insólito, desmentido e trauma: Clínica psicanalítica com mães de bebês. **Revista latino-americana de psicopatologia fundamental**, v. 10, n. 4, p. 614-623, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142007000400004>. Acesso 10 de Junho de 2017.
- LOPES, Beatriz Gonçalves et al. Luto materno: dor e enfrentamento da perda de um bebê. **Northeast Network Nursing Journal**, v. 18, n. 3, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/viewFile/20048/30699>>. Acesso 14 de Junho de 2017.

LUCAS DE FREITAS, Joanneliese; FUCK MICHEL, Luís Henrique. A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. **Psicologia em estudo**, v. 19, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n2/10.pdf>>. Acesso 20 de Junho de 2017.

MORELLI, Ana Bárbara; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Impacto da morte do filho sobre a conjugalidade dos pais. **Ciência & saúde coletiva**, v. 18, p. 2711-2720, 2013. **Estudo**, v. 19, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n9/v18n9a26.pdf>>. Acesso 21 de Junho de 2017.

MUZA, Júlia Costa. **Quando a morte visita a maternidade: papel do psicólogo hospitalar no atendimento ao luto perinatal**. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000300003>. Acesso 11 de Junho de 2017.

MUZA, Júlia. et al. **Quando a morte visita a maternidade: atenção psicológica durante a perda perinatal**. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 3, 2013. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2016/11/mortalidade-infantil-continua-em-queda-no-brasil>>. Acesso 21 de Junho de 2017.

PANDOLFI, Aghata et al. **O que a morte não destruiu daquele que partiu: a construção de significados no processo de luto materno**. 2012. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_ba0d8dc73354cd3c82ba0a27235e77e8>. Acesso 23 de Junho de 2017.

PARKES, Colin Murray. **Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Ed. Summus, 1998.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. Apoio social e experiência da maternidade. **Journal of Human Growth and Development**, v. 16, n. 1, p. 85-96, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-12822006000100009&script=sci_abstract>. Acesso 19 de Junho de 2017.

REBELO, José Eduardo. Importância da entreaajuda no apoio a pais em luto. **Análise psicológica**, v. 23, n. 4, p. 373-380, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312005000400002>. Acesso 21 de Junho de 2017.

ROGERS, Carl.R. **Um jeito de Ser**. São Paulo: EPU, 1980.

ROGERS, Carl. R. **Os fundamentos de uma abordagem centrada na pessoa**. In: ____ Um jeito de Ser. São Paulo: EPU, 1983.

ROGERS, Carl. R. **Terapia Centrada no Cliente**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROGERS, Carl. R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROGERS, Carl. R.; KINGET, M. **Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva**. 2.ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

SOUZA, Aniele Lima de et al. O acompanhamento psicológico a óbitos em unidade pediátrica. **Revista da SBPH**, v. 10, n. 1, p.151-160, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582007000100011>. Acesso 20 de Junho de 2017.

TAVARES, Ana Catarina da Silva. **Lutos gestacional e neonatal: Vivência subjectiva materna da perda**. 2013. Tese de Doutorado. ISPA-Instituto Universitário. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/2773>>. Acesso 18 de Junho de 2017.

VALENTE, Thaysa Zubek; LOPES, Cléa Maria Ballão. **A perda simbólica e a perda real: o luto materno**. Universidade Estadual do Centro-Oeste–UNICENTRO. 2008. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/sec/isec/pdf/resumo_59.pdf>. Acesso 20 de Junho de 2017.

VASCONCELOS, Maria Alair Ponte; NETO, Francisco Rosemiro Guimaraes Ximenes; FERREIRA, Adriana Gomes Nogueira. Análise da integralidade da atenção à saúde da crianças a partir de óbitos infantis. **Essentia-revista de cultura, ciência e tecnologia da UVA**, v. 16, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/essentia/index.php/revistaessentia/article/view/6>>. Acesso 12 de Junho de 2017.

WOOD, J. K. (org.) **Abordagem Centrada na pessoa**. Vitória-ES: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1997.

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental**. São Paulo: Roca, 2013.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. SEAD/UFSC, 2006. Disponível em: <http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB_2014_2/Modulo_1/Metodologia/material_didatico/Livro%20texto%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf>. Acesso 12 de Junho de 2017.